



I Representação Parlamentar I



## Declaração política | Janeiro 2014

### Deputada Zuraida Soares

A governação PSD/CDS é contra o país e contra o povo português. As políticas praticadas são ao total arrepio do compromisso político que, em 2011, foi sufragado pelo povo português.

Todos/as nos lembramos que cortar o subsídio de férias era um disparate, aumentar o IVA seria um desastre e aumentar impostos nem pensar.

Tudo isto depois de intensa participação, nas negociações com o Partido Socialista, para acertar as condições contratuais com a Troika. E ninguém esqueceu a 'fotograia de família' e a festa que essas negociações representaram para o PSD.

Contudo, após as eleições, tudo mudou e a conversa do costume voltou: - 'A situação está tão má que, aquilo que dissemos há um mês, nada vale!'.

E logo deitaram mão de todo o arsenal disponível, para impor ao povo as novas políticas, ou seja, doses massivas de chantagem ('ou isto, ou o abismo'), o medo, a propanganda ad nauseam do 'caminho único', repetida por dezenas de comentadores, todos os dias, em passagem pelos meios de comunicação social, em especial, nas televisões.

O objectivo de toda esta chantagem era (e é) claro: - paralisar a revolta que tanta austeridade tem semeado, por cada lar do nosso país.

Mas o cúmulo da hipocrisia política, da manobra e do ilusionismo, é hoje lançado com outro objectivo.

O Presidente da República (garante máximo das políticas do governo de coligação), o PSD e o CDS - assim como todos os seus comentadores de serviço - apontam já as baterias para o dia final do Memorando da Troika.

Toda esta encenação levou mesmo Paulo Portas a inaugurar um relógio, em contagem decrescente, até ao dia em que o país deixará de estar sob a alçada da Troika.

Como é óbvio, estamos perante mais uma mentira derramada sobre o povo, a qual tem, como objectivo próximo, as Eleições Europeias, que se realizam uma semana depois do relógio de Paulo Portas parar.

Dia 17 de Maio, estamos livres da Troika – dizem – e, agora, tudo vai mudar. Conseguimos! – troará, aos quatros ventos, a actual e a futura coligação PSD/CDS. O objectivo deste cântico será procurar atenuar, no campo eleitoral, a resposta do povo, por todo o sofrimento e humilhação de que tem sido vítima.

A máquina de propaganda está toda virada para o dia 17 de Maio, tentando esconder o que durante estes últimos meses, quer o PSD e o CDS, quer o PS, andaram a aprovar na Assembleia da República e na Europa, por forma a que, mesmo sem Troika, a política da Troika continui.



## I Representação Parlamentar I

A verdade é que o dia 17 de Maio não é o fim de coisa nenhuma mas, antes, a continuação desta política desastrosa.

Atempadamente, os troikistas já se preveniram, para continuar a extorquir o nosso povo e a servir de bandeja essa extorsão ao capital financeiro e aos grandes grupos económicos.

Como? Assinando, à revelia do Parlamento Europeu, o chamado 'Tratado Orçamental', o qual (como todos/as sabemos) aponta para uma dívida pública de 60% do PIB e um défice orçamental, num máximo de 0,5%.

Não estando, por enquanto, defenidos os prazos para alcançar tais desideratos, é inegável que, no caso português e no que diz respeito à dívida, a meta é inalcançável. Mesmo o ex-ministro Vitor Gaspar afirmou, quanto ao problema da dívida que talvez, em quarenta anos, lá conseguíssemos chegar. Como diz o povo, balelas, isso sim.

No que concerne ao défice, todos/as sentimos, na pele, o que está a custar chegar aos 4%, mesmo com constantes medidas extraordinárias. Como poderemos continuar a mesma política para alcançar os 0,5%?

Mas, imaginando que lá chegaremos, como fazer em crises futuras? Não pagando subsídios de desemprego? Fechando a escola pública? Acabando com o Serviço Nacional de Saúde? Encerrando Universidades? Sendo a receita conhecida, quantas mais malfetorias nos esperam?

Com o Tratado Orçamental, a vigilância da Comissão Europeia, sobre a nossa economia, tem novas formas de controle e será, à partida, uma contínua prisão, emparedados entre o garrote da dívida soberana (impagável!) e o défice.

Aliás, este garrote já está em funcionamento, neste ano, com a aprovação de normas, pelo Parlamento Europeu, que podem implicar o corte de fundos europeus, já em 2014, desde que os objectivos para a dívida e défice não sejam alcançados.

Contudo, o Tratado Orçamental não foi só aprovado pelo PSD e o CDS. Foi também defendido pelo Partido Socialista e o corte de fundos europeus juntou, no voto favorável, o eurodeputado Paulo Alves (do Partido Socialista/Açores) e a eurodeputada Patrão Neves (do PSD/Açores).

Afinal, o dia 17 de Maio de 2014 não representa 'a boa nova', como nos querem fazer crer o PSD e o CDS, por mais relógios que inaugurem.

Trata-se, antes, de mais um embuste, com que querem sobreviver politicamente, derramando ilusões sobre a população.

Quanto ao Partido Socialista, que tanto se afirma detentor de uma política alternativa, perguntamos: - onde é que ela está?

Amarra-se, por opção, ao Tratado Orçamental; vota, desde já, o corte de fundos europeus, como uma espécie de treino para o que aí vem; e, por último, apresenta como saída da crise, uma mutualização negociada da dívida, quando não tem parceiros para ela. François Hollande,



I Representação Parlamentar I



assim que ganhou as eleições, em França, rasgou todas as promessas e o SPD assinou, com a Senhora Merkel, a recusa de outra política europeia, que não seja a actual.

Duma penada, o Partido Socialista ficou sem parceiros para aquilo que anda a prometer aos/às portuguesas/as.

O alinhamento na hipocrisia política é, hoje, por demais evidente, nos partidos da troika.

Uma imensa encenação é tudo o que resta, para iludir o povo, nestes próximos 4 meses.

Falar verdade; assumir que, para Portugal, só existe uma saída honesta que é reestruturar a dívida contra a vontade do capital financeiro; assumir um plano de desenvolvimento da nossa economia e mandar fora a austeridade estúpida.

Tudo isto está longe dos vossos horizontes. Primeiro, o capital financeiro, nem que seja contra o povo do nosso país.

Alternativa? Onde é que ela está?!

Horta, 15 de Janeiro de 2013